

2012/04/28

## A POSTURA NUCLEAR DA NATO. DA CIMEIRA DE LISBOA PARA CHICAGO

Alexandre Reis Rodrigues

A maioria das armas nucleares que os EUA mantinham na Europa foi retirada na sequência de uma decisão do Presidente Bush (pai), a 27 de setembro de 1991, precisamente um dia depois de a USSR ter formalmente anunciado o fim da sua existência. Das 7000 armas nucleares táticas que então existiam, ficaram apenas 200 (bombas de gravidade B-61). É sobre estas que se gerou uma difícil polémica no seio da NATO, depois de a Alemanha, em 2010, pouco antes da Cimeira de Lisboa, ter defendido a sua retirada completa.



Apesar de o governo alemão ter garantido que não deixará de privilegiar o consenso, pondo de lado a hipótese de atuar unilateralmente, existe uma questão essencialmente nacional, ligada ao próximo fim do ciclo de vida dos aviões Tornado, que pode determinar, com ou sem decisão formal, o fim da capacidade de emprego de armas nucleares táticas.

Há mais três países europeus que têm a mesma capacidade: Bélgica, Holanda e Itália. Todos mantêm os chamados “dual capable aircrafts” (DCA) (F-16 ou Tornados), aviões certificados pelos EUA para o lançamento de bombas nucleares de gravidade B-61 fornecidas pelos EUA, segundo acordos específicos (Programs of Cooperation), e mantidas nos seus territórios. A Turquia também armazena estas bombas, na base aérea de Incirlik) mas não tem os seus F-16 certificados para o seu lançamento.

Calcula-se que se a Alemanha optar por não investir na manutenção desta capacidade, quando decidir a substituição dos aviões Tornado[1], a Bélgica e a Holanda seguirão provavelmente o mesmo caminho, quando tiverem que decidir a substituição dos F-16. As decisões terão que ser tomadas num horizonte que entra agora no curto prazo. Uma vez que os Tornados alemães terminarão a sua vida operacional em 2020 e os F-16 belgas e holandeses em 2025, os programas de reequipamento, começarão a ser desenhados à volta de 2015.

Não se conhece como a Itália, que tem Tornados e F-16 atribuídos a missões nucleares, está a encarar esta questão; embora conservando, geralmente, uma postura política favorável à manutenção da capacidade nuclear, admite-se que as contingências da crise financeira por que tem passado possam determinar uma opção contrária à continuação do compromisso assumido anteriormente. A adaptação de cada novo avião para emprego com armas nucleares representará um custo adicional que se estima entre cinco e dez milhões de dólares.

No entanto, qualquer que seja o impacto das restrições orçamentais no processo de decisão que os quatro países têm pela frente, o assunto tem sobretudo uma dimensão política e militar de potencial grande importância para o futuro da NATO e, obviamente, também essencial para a arquitetura de segurança e defesa europeia.

A posição assumida por ocasião da Cimeira de Lisboa, reafirmando a decisão de a Aliança manter uma apropriada combinação de forças convencionais, nucleares e de defesa antimíssil, reuniu o consenso que a situação então exigia. Subjacente a esta opção, estavam, entre os cinco princípios que tinham sido propostos por Hillary Clinton, na Cimeira de Talin (Abril 2010) para a abordagem da questão nuclear, os seguintes dois principais: primeiro, enquanto houver armas nucleares no mundo, a NATO não poderá deixar de manter esta capacidade; segundo, a Aliança não deve unilateralmente reduzir ou abandonar estas armas; o assunto deve ser discutido com Moscovo, tendo em vista a criação de uma oportunidade de a Rússia reciprocamente com medidas de equivalente impacto.

Estima-se que, presentemente, a Rússia disponha cerca de 4000 a 5000 destas armas. A assimetria com a NATO parece muito grande mas é preciso ter em conta que entre 2000 e 3000 estarão a aguardar desmantelamento, cerca de 400 estão atribuídas a defesa costeira e defesa antimíssil e, finalmente, quase 700 estão embarcadas em unidades navais. Portanto, para utilização semelhante à prevista para a NATO, para lançamento por aviões Backfire, Fencer ou Fullback, poderá haver talvez 1000 armas.

A posição assumida em Lisboa, no entanto, não encerrou o assunto, como, aliás, sugere a decisão,

então tomada, de levar a cabo uma revisão da estratégia de dissuasão e defesa da NATO (“Deterrence and Defense Posture Review”), tarefa que deveria estar concluída para a Cimeira de Chicago. Naturalmente, não foi tornado público qualquer detalhe deste trabalho.

Não é difícil de imaginar, porém, que, na fase de consultas aos países membros, as opiniões se tenham dividido entre a necessidade de manter as armas como um elemento de dissuasão face a uma Rússia que não dá sinais de disponibilidade para maior transparência (a posição da Europa Central e Oriental) e o extremo oposto que defende que a NATO deve dar um passo concreto no sentido do desarmamento nuclear, ou que não reconhece, na actual capacidade, o nível necessário de credibilidade política e operacional para poder, de facto, funcionar como dissuasão.

Entre os dois extremos, alguns terão defendido que a manutenção das armas não pode deixar de ser encarada como uma expressão de solidariedade para com os que avaliam a sua segurança como mais vulnerável do que qualquer outra, face à Rússia (devido à proximidade geográfica). Outros, olharão para a participação europeia na defesa nuclear como uma manifestação de vontade de partilhar esforços com os EUA (outro dos princípios propostos pela secretária de Estado), assunto especialmente relevante à luz da ideia de que é necessário tentar parar o processo de “distanciamento” americano das questões de defesa europeia.

Não é provável, em qualquer caso, que o assunto fique clarificado em Chicago; o horizonte para uma tomada de posição permite adiar por mais algum tempo este assunto e, certamente, essa circunstância não deixará de ser aproveitada. Tal não dispensa, porém, que se conclua (ou se faça progredir) a discussão e, sobretudo, que se estabeleça uma linha de orientação e se prevejam alternativas para a hipótese de os europeus virem a abandonar a capacidade nuclear. A discussão deverá centrar-se, provavelmente, na questão da credibilidade dos actuais meios e em formas de garantir alternativas que reponham a confiança da Europa Central e Oriental (principalmente esta) quanto à determinação da Aliança em manter garantido o compromisso do artigo 5º do Tratado.

Há várias fragilidades neste campo. Se os europeus não conseguirem estabelecer um consenso sobre a manutenção de uma capacidade nuclear, a partir do seu próprio território e com meios próprios, não se imagina como algum dia decidirão, por unanimidade, o seu emprego ou mesmo dar o passo mais simples de aumentar a sua prontidão, perante uma situação de crise em desenvolvimento. Nestas facetas do problema joga-se sobretudo a dimensão “credibilidade política”, condição necessária, embora não suficiente, para que estes meios desempenhem o seu papel dissuasor. Será difícil não concordar que a iniciativa alemã de pôr em causa a permanência de armas nucleares na Europa veio abrir, ou dar visibilidade, a uma brecha que enfraquece esse papel.

Mas existem também questões no campo da credibilidade operacional levantadas por um ambiente de segurança quase sem pontos comuns com o que existia quando se decidiu desenvolver esta capacidade. Talvez falte hoje a clareza de propósito estratégico em que se deve basear a manutenção desta componente de dissuasão, clareza que era óbvia durante a Guerra Fria, sob a ideia de manutenção de um “continuum of deterrence”, em que as armas nucleares táticas representavam o nível mais baixo de uma possível escalada.

O que dirá a “Deterrence and Defence Posture Review” a este respeito?

Espera-se que comece por esclarecer em que contexto se deve encarar a continuação desta capacidade. Há duas hipóteses principais sob possível consideração. A perspectiva tradicional será a da defesa territorial da Europa, a que os aliados a Leste continuam a atribuir grande importância. Em alternativa, pode ser defendido o conceito de que a Europa deve passar a ser um “security provider”, mantendo esses meios disponíveis como elemento de dissuasão perante crises no exterior que possam repercutir-se na sua estabilidade. Estar-se-á a pensar, sobretudo, em crises no Médio Oriente envolvendo um Irão já potência nuclear (ou a caminho de o ser a curto prazo). Esta segunda hipótese, no entanto, é difícil de conceber operacionalmente, se desligada da disponibilidade de meios de supressão de defesas aéreas que permitam aos aviões de bombardeamento nuclear alcançar o seu objetivo em território inimigo. Como se sabe - aliás ficou bem patente na intervenção na Líbia - não existem esses meios na Europa. Estas circunstâncias fragilizam a credibilidade da capacidade como elemento de dissuasão.

Naturalmente, o que vai condicionar a decisão final será certamente uma combinação destas considerações de natureza operacional militar com considerações de âmbito político, podendo estas, em determinadas circunstâncias, prevalecer. Importaria, no entanto, ter presente que se as preocupações são garantir a “reassurance” - que os aliados a Leste receiam não estar tão firme como gostariam - e reafirmar a solidariedade transatlântica, então haverá alternativas que servem melhor esses propósitos.

A medida mais eficaz e credível seria inverter (talvez parar, para ser realista) a tendência, que se

observa há algum tempo, de desmilitarização da Europa. Isto passa, em primeira instância, por resolver a falta de capacidades operacionais que, apesar de bem mais básicas do que a nuclear, impedirão a Europa de se ocupar com eficácia da defesa dos seus interesses e de ir além do simples estatuto de observador do que se passa no mundo.

[1] Uma eventual opção alemã pela aquisição do Eurofighter em vez de F-35 pode levantar obstáculos adicionais à sua adaptação a missões com armas nucleares, por restrições das empresas europeias à cedência de todas as especificações às autoridades americanas e/ou reservas destas em qualificar um avião europeu.

## **64 TEXTOS RELACIONADOS:**

**2012/08/12**

### **OUTRA ESTRATÉGIA PARA CONTER O IRÃO?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2012/05/14**

### **“SMART DEFENCE” NA CIMEIRA DE CHICAGO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2012/04/15**

### **COMO SAIRÁ A COREIA DO NORTE DA HUMILHAÇÃO POR QUE PASSOU?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2012/03/25**

### **ISRAEL, EM PREPARATIVOS PARA UMA GUERRA CONTRA O IRÃO?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2012/03/10**

### **COREIA DO NORTE, DE NOVO NO “NEGÓCIO” DE OBTENÇÃO DE AJUDAS**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2012/03/02**

### **AS ILHAS FALKLAND. TRINTA ANOS DEPOIS DO CONFLITO DE 1982**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2011/12/09**

### **O ABATE (OU QUEDA) DE UM UAV NO IRÃO. ACIDENTE OU OPERAÇÃO CLANDESTINA?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2011/08/05**

### **COREIA DO NORTE. O QUE A TRAZ DE NOVO AO NOTICIÁRIO INTERNACIONAL?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2011/01/20**

### **QUE FAZER COM O IRÃO?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/12/13**

### **O IMBRÓGLIO COREANO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/11/29**

### **O ENIGMA DA COREIA DO NORTE**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/11/26**

### **O REGRESSO DO NUCLEAR E A ALIANÇA ATLÂNTICA (II PARTE)**

*Francisco Proença Garcia[1]*

**2010/11/25**

### **O REGRESSO DO NUCLEAR E A ALIANÇA ATLÂNTICA (I PARTE)**

*Francisco Proença Garcia[1]*

**2010/09/05**

### **O IRÃO E A “RETIRADA” AMERICANA DO IRAQUE**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/08/26**

**DA DEFESA ANTI-MÍSSEL DE TEATRO PARA A DEFESA ANTI-MÍSSEL DA EUROPA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/07/25**

**OS CAMINHOS ERRÁTICOS DA COREIA DO NORTE**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/06/02**

**O ACORDO DE TEERÃO**

*Oliveiros S. Ferreira (Brasil)*

**2010/05/24**

**A MEDIAÇÃO BRASILEIRA NO CONFLITO COM O IRÃO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/05/06**

**ISRAEL E A REVISÃO DO TRATADO DE NÃO PROLIFERAÇÃO NUCLEAR**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/04/24**

**O NOVO TRATADO START: NECESSÁRIO MAS ESTRATEGICAMENTE INSUFICIENTE**

*Maria Francisca Saraiva[1]*

**2010/04/16**

**DISSUAÇÃO SEM ARMAS NUCLEARES?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/03/29**

**O SONHO DO DESARMAMENTO NUCLEAR E A PRÓXIMA REVISÃO DO TRATADO DE NÃO PROLIFERAÇÃO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2010/03/12**

**OS PROGRAMAS NUCLEARES DO BRASIL E DO IRÃO: PONTOS DE TANGÊNCIA E AFASTAMENTO**

*Marcos Machado da Silva[1](Brasil)*

**2010/03/08**

**O IRÃO E A QUESTÃO NUCLEAR**

*André Pereira Matos[1]*

**2010/02/08**

**AS OPÇÕES DOS EUA EM RELAÇÃO AO IRÃO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2009/11/29**

**BRASIL, NOVO PARTICIPANTE NA DISCUSSÃO DO PROBLEMA NUCLEAR DO IRÃO?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2009/11/12**

**O CAMINHO NUCLEAR DO IRÃO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2009/09/30**

**O 1 DE OUTUBRO E AS CONVERSÇÕES EM QUE NINGUÉM ACREDITA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2009/09/27**

**A UTÓPICA LIÇÃO DE MIKAIL GORBACHEV E A PRESENTE RESOLUÇÃO DE BARAK OBAMA CONTRA A PROLIFERAÇÃO NUCLEAR**

*Gilberto Barros Lima[1] (Brasil)*

**2009/06/15**

**PORQUE QUER A COREIA DO NORTE SER UMA POTÊNCIA NUCLEAR? QUAL A DIMENSÃO DA SUA AMEAÇA?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2009/06/14**

**REDUÇÃO DE ARSENAIS NUCLEARES: UM DILEMA RUSSO-NORTE-AMERICANO**

*Marcelo Rech[1](Brasil)*

**2009/06/09**

**AS HIPÓTESES DE NEGOCIAR COM A COREIA DO NORTE**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2009/05/10**

**ARSENAIS NUCLEARES: UMA CHANCE PARA O MUNDO**

*Marcelo Rech[1] (Brasil)*

**2009/04/27**

**COMBATE AO BIOTERRORISMO. PRIORIDADE NACIONAL?[1]**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2009/03/25**

**A CIMEIRA DOS 60 ANOS DA NATO E A UNIÃO EUROPEIA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/11/14**

**EUA. O QUE SE PODE ESPERAR DE OBAMA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/07/20**

**O IMPASSE IRANIANO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/07/08**

**A COREIA DO NORTE – UMA “BAIXA” NO EIXO DO MAL?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/06/09**

**A DEMISSÃO DO SECRETÁRIO E DO CHEFE DO ESTADO MAIOR DA USAF**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2008/01/18**

**A SEGURANÇA NUCLEAR NO PAQUISTÃO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/12/12**

**A MELHOR FORMA DE COMEMORAR OS 60 ANOS DA NATO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/12/06**

**UMA NOVA OPORTUNIDADE PARA O IRAQUE E PARA O IRÃO**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/10/02**

**OS PORTUGUESES NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA – O DIAMANTE ESQUECIDO DA POLÍTICA EXTERNA PORTUGUESA[1]**

*Nuno Manalvo[2]*

**2007/09/27**

**O MISTERIOSO RAID ISRAELITA (II)**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/09/22**

**O MISTERIOSO RAID ISRAELITA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/08/14**

**PODERÁ O IRÃO SER UMA POTÊNCIA REGIONAL?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/07/19**

**COREIA DO NORTE - NUMA ESTRATÉGIA DE MUDANÇA?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/06/25**

**A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA. RESPONSABILIDADE DA NATO? (II PARTE)**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/05/15**

**OS OBJETIVOS REAIS DO SISTEMA ANTIMÍSSIL NORTE-AMERICANO NA EUROPA**

*Marcelo Rech [1]*

**2007/04/19**

**DEVE O IRÃO SER APAZIGUADO?[1]**

*Francisco Jorge Gonçalves[2]*

**2007/03/09**

**UMA NOVA GUERRA FRIA?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/12/27**

**O FUTURO DAS ARMAS NUCLEARES**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/12/11**

**A LÓGICA DA POSSE DE ARMAS NUCLEARES [1]**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/12/03**

**O TRATADO DE NÃO PROLIFERAÇÃO DE ARMAS NUCLEARES (TNP)[1]**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/12/01**

**OS ANTECEDENTES DO ACTUAL REGIME DE NÃO PROLIFERAÇÃO DE ARMAS NUCLEARES[1]**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/10/04**

**A EUROPA NOS PLANOS DOS ESTADOS UNIDOS**

*Marcelo Rech[1]*

**2006/08/28**

**O QUE FAZER COM O IRÃO?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/07/18**

**O FUTURO DA NATO**

*António Borges de Carvalho*

**2006/07/17**

**A CIMEIRA DA NATO EM RIGA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2005/07/13**

**AS RELAÇÕES TRANSATLÂNTICAS: GALILEU VS GPS**

*Vera Gomes*

**2005/04/06**

**NATO AND THE EUROPEAN UNION: INEVITABLE PARTNERS**

*Robert E. Hunter, US Ambassador in NATO 93/98*

**2005/02/26**

**BUSH NA EUROPA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2004/11/27**

**PARCEIROS OU RIVAIS?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2004/05/22**

**AS RELAÇÕES TRANSATLÂNTICAS**

